

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

Revista Portuguesa de História

TOMO XIV

HOMENAGEM AO DOUTOR PAULO MERÊA

VOLUME III



COIMBRA / 1974

Quem notificou para a Europa a ligação do Orenoco com o Amazonas?

As redações hidrográficas do Orenoco com o Amazonas foram problema que, desde cedo, preocupou os exploradores da selva colombiano-venezuelana e amazônica. O mistério, porém, subsistiu por largas décadas, tapesar de numerosas referências narrativas e alté cartográficas à comunicação dos 'dois rios C¹).

O primeiro autor, <a tratar dela ex professo, parece ter sido o P. José Gumilla, no Seu livro, tomado famoso, *El Orinoco Ilustrado y Defendido* i(Madrid, 1741)', onde estuda, geográficamente, o curso deste rio (2). Embora o conhecesse, parcialmente, *de visu*, como missionário que foi, muitos anos, na região, desde ia casoata de Ata/vaje à foz no delta, nunca o percorrerá até às fontes que, por falsas referênciã®, colocou em Pasto, na Colombia, e muito menos os afluentes da margem direita que o poriam no encaço da realidade (3). Assim, tanto o texto como a carta geográfica que

i¹) A primeira alusão cartográfica, como já advertiu Jaime Cortesão, parece ser a de João Teixeira, cerca de 1630, no *Mapa Geral do Mundo*, que se guarda na (Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Cêr. *História do Brasil nos Velhos Mapas*, tom. I, pág. 414. Rio de Janeiro, 1965. Mas deveria ser, apenas, conjectural ou de outiva, tal como a do mapa apenso ao ofício de Jaime Raimundo de Noronha com documentos referentes à expedição de Francisco Femandes, de 29 de Maio de 1637, e a da carta de Benito da Costa, de 22 de Maio do mesmo ano. *Ibid.*

(2) Francisco Esteve Barba, *Cultura virreinal*, em *Historia de America y de los pueblos americanos* (col. dir. por António Ballesteros y Beretta), pág. 625. Barcelona, 1965: «El primer tratado propiamente dicho sobre la región es, a parte las *Historias* de Ri vero y de Cassani ..., el libro del padre José Gumilla (1687-1750), de la Compañía de Jesus». Cfr. Charles Sommervogel, *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, vol. III, cols. 1948-1950. Bruxelas-Paris, 1892.

(3) José Abel Salazar, «El Padre Gilij y su Ensayo de Historia Americana», em *Missionalia Hispanica, IV* (Madrid, 1947), ipágs. 249-328. Ver págs. 261-262. Só, em 1749, tentava retraotar-se por escrito do seu erro, em novo trabalho, que não chegou a levar a termo, prevenido pela morte. *Ibid.*, pág. 260.

o exorna, na primeira e segunda edição, desdizem dia verdade dos factos (*mapa 1*). O fundamento, não obstante, 'era lógico, por partir da hipótese, então generalizada, e mantida por Samuel Fritz no seu célebre miapa de 1707 (*mapa 2*), de que todos os 'cursos de água importantes da América do Sul, que vão desembocar ao Atlântico, arrancavam da cadeia dos Andes, o que é certo, para muitos deles. O jesuíta aragonês 'desconhecia, porém, que, se toda a regra tem excepções, o Orenoco era', precisamente, urna délas, apesar do que, em contrário, sentiam autores bem modernos como Fr. IFedro Simon, em suas *Noticias Historiales* (Cuenca, 1627), possivelmente conhecidas nessa impressão parcial ou em manuscrito. Na segunda edição de Gumilla '(Madrid, 1745), feita sob a orientação do seu colega e amigo P. José Gassarii, que se encontrava, por 'esta ocasião, na capital espanhola e 'assumia o 'encargo da publicação por o autor ter voltado, entretanto, à América, em 1743, mantinha-se a negativa; mas tal opinião, nesta data, já não correspondia, çronológicamente, ao pensar do missionário sobre o assunto, como veremos ⁽⁴⁾.

Entre os portugueses conhecedores do Amazonas, desde Pedro Teixeira 1(1637-1638), na relação ida sua Viagem de descobrimento do rio do Amazonas ⁽⁵⁾, se aventara a hipótese duma possível bifurcação deste para Norte, através do Rio Negro, e para o Atlântico, falce ao Pará, junto à linha equinocial ⁽⁶⁾. Mas eram, apenas, suspeita® oriundas, acaso, de vaga® tradições indígena®, vin-da® desde o tempo de Orelíama ⁽⁷⁾. O P. Cristóvão de Acuña, com-

⁽⁴⁾ iCfr. *supra*, mota 2.

⁽⁵⁾ Francisco Esteve Barba, *op. cit.*, plág. 627.

⁽⁶⁾ A caiita do Conde de QPagan, que esteve em çPortugal como mestre de campo nas guerras da Restauração, em 1642, e impressa (por ele com o título de *Magni Amazoni itwii in America Meridionali noua delineatio: 1655*, utilizando os dados de Pedro Teixeira na *Relation historique* (Paris, 1656), também representou, embora incorrectamente, a ligação do Rio (Negro e do Orenoco, fundada em informações indígenas (*mapa 3*), Jaime Cortesão, *op. cit.*, pág. 416; Charles-Marie da La Condamime, *Journal du Voyage*, pág. 192. Paris, 1751.

⁽⁷⁾ Publicada por Marcos Jimenez de la Espada, em «Viaje del capitan Pedro Texeira (*sic*) aguas arriba ddl rio de las Amazonas», no *Boletín de la Sociedad Geográfica de Madrid*, vol. IX (Madrid, 1880), ipágs. 209-231; vol. XIII (1882), págs. 192-218, 266-275, 417-447; vol. XXVI (<1889), ipágs 159-193. Artur César Ferreira Reis, «Pedro Teixeira», em *iDicionário de História de Portugal*, IV, págs. 137-138, Lisboa, 1971; Id., «Amazônia», *ibid.*, págs. 368-371; Id., «A empresa colonial portuguesa na revelação da Amazônia», em *Revista Portuguesa de História*, Tom. IX, págs. 79-92. Coimbra, 1960.

pamheiro die Teixeira' icom outro jesuíta, Artieda, na viagem de regresso de Quito ia Belém, contagiado, porventura, pelo chefe prestigioso, também mão repudiou a ligação, em absoluto, no seu relato *Nuevo descubrimiento del Gran Rio de las Amazonas* (Madrid, 1641), como depois o seu confrade Chantre y Herrera (1738-1801), na *Historia de las Misiones de la Compañía de Jesus en el Mar aõon español* ((IMadrid, 1901). Nesta 'indecisão, como é natural, em maré de palpites, outros 'confundiram ambos os ríos, como Pedro Mártir de Angleria e o próprio José de Acosta, na sua *Historia Natural y Moral de las Indias*. Este, por notícias colhidas 'em 1638, supunha que o Amazonas ia desaguar quase em frente das ilhas Margarita e Trinidad, o que, admitida a comunicação fluvial, descambava para a fantasia de os 'cursos respectivos ide cada rio serem todo um (8). Como a cartografia), à falta de dados geo-desoritivos peremptórios, se conduzia por opiniões tão desencontradas ou assentes em meras suposições c informes indígenas ondulantes, o problema seguia em aberto. Assim, se o cartógrafo francês Nicolau Sansón ou Nicolau Fer, geógrafo particular do Rei Cristianíssimo (9), tentava, após recolha ide grande soma de relatos, fixar a comunicação do Orenoco com o Amazonas a 1º de latitude e 3121º de longitude, Guilherme DefliiSle, com todo o peso da sua autoridade, recusou-se a aceitar tal versão, por ela concretizar, apenas, boatos e nada mais (10).

O desencanto da verificação experimental para 'Comprovar que, efectivamente, o Orenoco e o Amazonas 'comunicavam entre si, adveio, em 1643, quando, através 'do Superior das Missões Jesuíticas daqueile rio, P. Manuel Roman, e com a 'cooperação dos portugueses da Amazónia, se chegou a 'prova incontestável <e dela se deu a primeira notícia decisiva para a Europa, por jintermédio do reitor do Colégio de S. Alexandre de Belém do Pará, o jesuíta onimbricense João Ferrelira (n). O caso foi assim:

Andava, nesse ano, pelo Rio Negro, incumbido oficialmente do descimento de índios do sertão, outro inaciano da Itália, o P. Aqui-

(8) Para Nicolau Sansón j(1600-1667) e seus filhos, cfr. *Biographie Générale*, tom. 43, cols. 295-297. Paris, 1864. Para (Nicolau Fer 1(1646-1720), *ibid.*, tom. 17, cols. 351-352. Paris, 1856.

(9) Francisco Esteve Barba, *ibid.*, págs. 628 e 752.

<10) Cfr. *infra*.

O1) Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil*. VIII, pág. 220. Rio de Janeiro, 1949.

les Miadla Avogádri, missionário da Amazonia como examinador das tropas de resgate ⁽¹²⁾> ou, no dizer de La Condamine, como capitão do campo volante dos portugueses que operavam por ali ⁽¹³⁾. Um grupo deles, em 8 canoas, entranhou-se na torrente, a montante, para Norte, até alturas do Guaviari ⁽¹⁴⁾. Sem saber ou, talvez, sabendo-o muito bem, estavam no Alto Grenoo. Em sentido contrário, navegava o missionário castelhano Manuel Roman. Surpreendendo uma das pirogas dos europeus, seguiu-a e, vindo à fala, não só lhes deu a conhecer a posição em que se encontravam, mas pelo Casiquiare acompanhou-os até ao acampamento de Avogádri, no Rio Negro, donde escreveu uma carta aos padres portugueses do referido Colégio de Santo Alexandre do Pará, a relatar o feliz encontro com o missionário italiano ide Novara e a descoberta comprovada, enfim, da ligação hidrográfica do Orenoco com o Amazonas, mercê da qual se punha termo a tantas discussões e incertezas ⁽¹⁵⁾.

Ora, La Condamine, voltando de Quito a França pelo Pará, no verão de 1743, ao passar na foz do Rio Negro, a 23 de Agosto, soubera, por carta de outro jesuíta, Francisco Rauver, a um colega da Missão de Mainais, que lhe constava ser possível ir em piroga, do Orenoco ao Amazonas ⁽¹⁶⁾. Junto à fazenda de Ibirajuba, o

⁽¹²⁾ *Ibid.*, pág. 69. Avogádri nasceu em Novara, a 8-9-1694. Emitir ou ma Companhia, a 1-10-1711. Em 1726, embarcou em Lisboa para as missões do Maranhão e Grao-Pará. Foi, 13 anos, examinador das tropas de resgate no sertão. Andou, sobretudo, no Rio Negro e no Rio Branco. Em 1757, estava no Pará, morrendo no Maranhão, a 4-2-1758.

⁽¹³⁾ Charütes-Marie de La Condamine, em *Mémoires de Trévoux*, Février 1747 (Paris, 1748), págs. 381-383.

⁽¹⁴⁾ *Ibid.* Francisco Esteve Banha, *op. cit.*, págs. 629 e 661, nota 126. Filippo iSalvadore Gillij, *Saggio di Storia Americana*, tom. I, l. I, iC. 3. Roma, 1780, cit. por José Abel Salazar, *loc. cit.*, pág. 262.

⁽¹⁵⁾ Charles-Marie de La Condamine, na *Relation abrégée d'un voyage fait dans l'intérieur de l'Amérique Meridionale*. Maestricht, 1778. Na edição de Paris, de 1749, correspondente às *Mémoires de l'Académie des Sciences* do ano de 1745, o naturalista francês não pôde introduzir a rectificação, deixando-a para a 2.^a edição de IMaestricht que, afinal, só saiu em 1778, depois da sua morte, a 4 de Fevereiro de 1774. Cfr. *Institut de France: Index Biographique des Membres et Correspondants de l'Académie des Sciences de 1666 à 1939*, pág. 249. Paris, 1939.

⁽¹⁶⁾ Francisco Esteve Barba, *op. cit.*, pág. 628, e José Abel Solazar, *loc. cit.*, pág. 262.

geodesista frances pudera, até, interrogar a iesse respeito uma índia cristã curiaoai dia aldeia de Santa Maria de Bararuma ou Panaruma i⁽¹⁷⁾ dias missões castelhanas idas margens do Orenoco, a qual confirmara o facto. As declarações feitas por intérprete, contudo, não conseguiram desvanecer todas tais dúvidas do naturalista, o que 'era 'explicável, porque a passagem dos rápidos e cataratas, em que se tornava preciso transportar por terra as canoas, às vezes icorn grandes desvios, podia dar lugar a (confusões. Saindo do Pará para Caiena, a 29 de Dezembro desse ano ⁽¹⁸⁾, sem esclarecer o assunto, a carta que ele inseriu ma sua *Relation*, apresentada à Academia das Ciências (*mapa 4*), traduz as suas imprecisões, muito semelhantes às de D'Anville, ma carta da América Meridional de 1748, encomendada por D. Luís da Cunha (*mapa 5*) e que Deliste não aceitara em 1722₁⁽¹⁹⁾.

Entretanto, trocando impressões sobre o caso com os Padres Jesuítas do Collégio do Pará, veio o sábio a sair, definitivamente, da sua perplexidade, ao chegar a França, pouco depois de ter desembarcado em Amesterdão, na volta da Guiana, a 30 de Novembro de 1744 ⁽²⁰⁾. Antes de ler, ma Academia das Ciências de Paris, o extracto ida sua viagem ao interior da América, recebeu, em Março de 1745, do P. João Ferreira, reitor dos jesuítas paraenses, que o hospedaram, como vimos, em Ibirajuba e ma capital do Estado com a miaior (esplendidez, uma carta sensacional, escrita nos fins de Dezembro do ano precedente »⁽²¹⁾. Nela, remetia-lhe inclusa outra do próprio Manuel Roman para os jesuítas do Pará, em que o missionário espanhol, desde o arraial do P. Avogátri, lhes anunciava *ais* peripécias do seu encontro com os portugueses do Orenoco e a viagem que fizera até ao Rio Negro em canoa. João Ferreira, lembrado da preocupação de La Condamine em esclarecer o problema da ligação hidrográfica dos dois rios, transmitia, assim, não só a notícia, mas a própria missiva de Roman. Infelizmente, o académico francês não recebeu esta, ou porque Ferreira, de facto,

[⁽¹⁷⁾ *Mémoires de Trévoux*, loc. cit.

i⁽¹⁸⁾ Francisco Esteve Barba, *ibid.*, e *Mémoires de Trévoux*, loc. cit.

I⁽¹⁹⁾ iCfr. Jaime ICortêsão, *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid (1750)*, Parte III, tom. II: *Antecedentes do Tratado*, págs. 302-303. Rio de Janeiro, 1951.

⁽²⁰⁾ *Mémoires de Trévoux*, *ibid.*

i⁽²¹⁾ *Ibid.*

a não inoluiu no erwdloipe día sua ou porque «Ha fod sequestrada no (daiminho (22)). Do resumo do conteúdo, feito pelo jesuíta na própria carta, deu conta Lai Condaminié aos editores das *Mémoires de Trévoux*. Estes, em 1748, haviam recensieiaido a segunda edição de *El Orinoco Ilustrado y D&fendido*, fedtai em Madrid, em 1745, pello P. José Cassanií, rectificando que José Gumilla, tomado entretanto à América, como dissemos, se não mantinha na negativa da comunicação dos dois rios (23). Não contentes com isso, davam conta ida carta de Ferreira ao académico francés, triés anos antes, com ia noticia da faiçamilhia de Roman que esclarecia, finalmente, o enigma posto, por tantos anos, a geógrafos e icartógrafos.

Como a relação do jesuíta explorador, intitulada *Descubrimiento de la Comunicación del rio Orinoco con el Mar aÑon y relación que hace el Padre Roman de su viaje de Caricharta al Rio Negro, desde el 4 de Febrero al 15 de Octubre de 1744*, só foi utilizada por Humbóldt no Século XIX e os outros hdstorialdores, que a esta descoberta aludem, como factó incontroverso (24), são posteriores

(22) Hipótese que nós formulamos. Por esse iteippo, eram frequentes os extravios. Cfr., ,por exemplo, as queixas do Núncio Aociaiuoli para Roma, em Luís Pastor, *Storia dei Papi XVII/I* (IRoma, 1933), plág. 365. Daí, o recurso às cartas cifradas, nem sempre eficaz.

(23) *Mémoires de Trévoux*, Janvier 1748, iplágs. 189-<191. A redtificação, provocada por La Condamine, vem em Fevereiro desse ano. *Ibid.*, págs. 370-383.

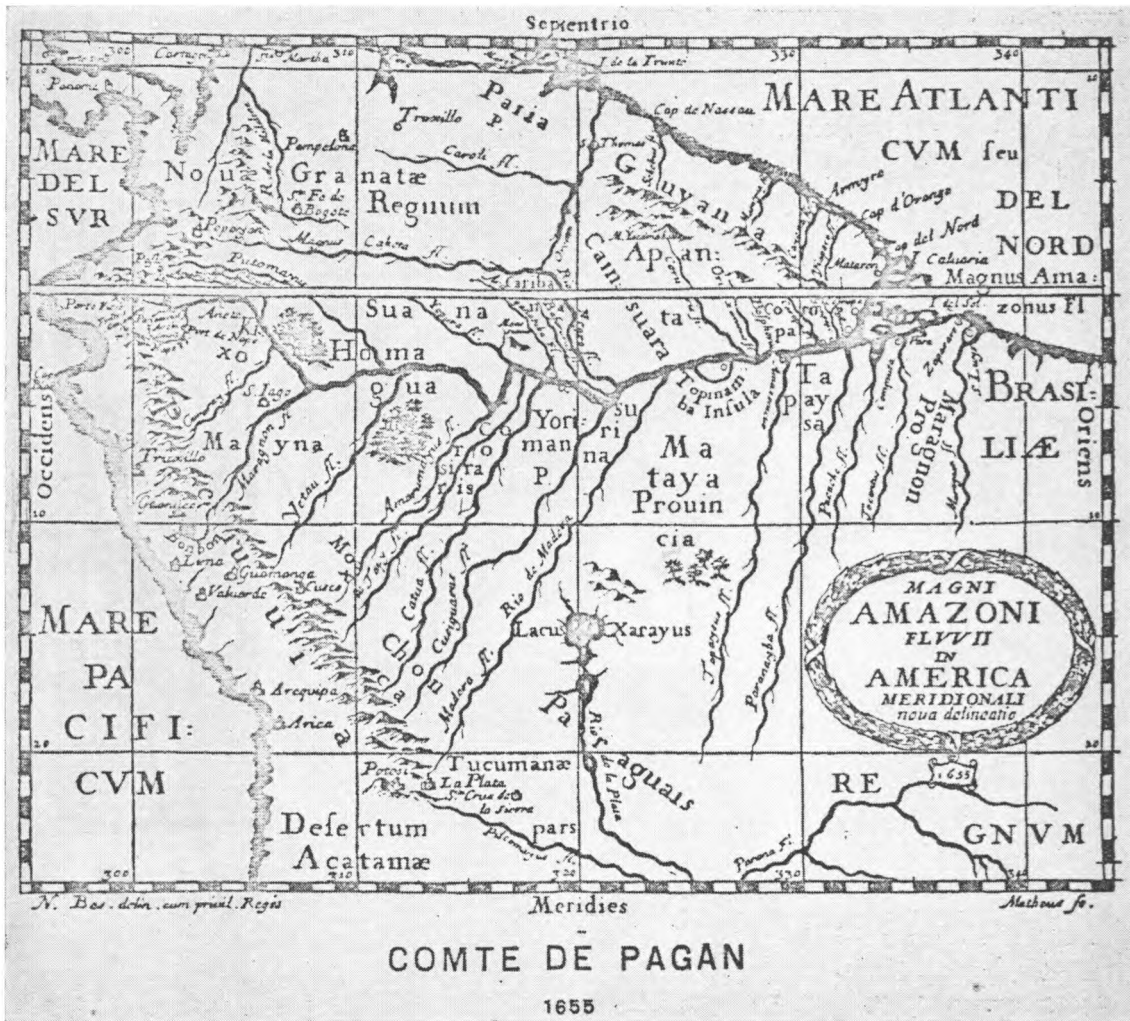
(24) JFilippo Salvadore Gilij, *Saggio di Storia Americana*, loc. cit. Os trabalhos da expedição de D. José de Itunriaga na demarcação por virtude do Tratado de Limites de 1750 no Norte do Brasil, conduzidos por ele desde 1754 e completados por D. Josié Solano, coaldijuvado por Fr. Antonio Caulin (1719-1812), foram, mais tarde, brilhantemente aproveitados pelo Barão Alexandre de Humboldt, confirmando, com rigor científico, a realidade. Cfr. Francisco Esteve Barba, op. cit., plágs. 752-753 e 816, nota 88. Modernamente, trataram do assunto, com mais detenção, Marcos Jimenez de la Espada, «Relación del descubrimiento del rio de las Amazonas», em *Boletín de la Sociedad Geográfica de Madrid*, vol. XIII. Madrid, 18182. Quem, segundo Esteve Barba, estudou as expedições realizadas em conjunto, desde 1759 até 1951, foram: Rafael Gómez Picón, em «La Conquista Ifísica del Nuevo Continente», no *Boletín de la Sociedad Geográfica de Colombia*, vol XIII (Bogotá, 1955), págs. 47-48 e 151-1618, e Leonardo Tafur Garcés, em «Exploraciones y expediciones científicas a territorios grancolombianos», no *Boletín de la Academia de la Historia del Vale del Cauca* (Cali, /Colombia, 1955), págs. 225-331. A aldeia de Carichana foi fundada por Roman, em 1734. Cfr. José del Rey, *Documentos Jesuíticos relativos a la História de la Compañía de Jesus en Venezuela*, pag. 315. Caracas, 19616.



Mapa 1 — Curso do Orenoco, segundo José Gumilla e Diogo Terreros, procuradores da Provincia do Novo Reino de Granada, e publicado na obra do primeiro *El Orinoco Ilustrando y defendido*, Madrid, 1741 e 1745,

(Página deixada propositadamente em branco)

(Página deixada propositadamente em branco)



Mapa 3 —Carta do Conde de Pagan. Paris, 1655.

(Página deixada propositadamente em branco)

(Página deixada propositadamente em branco)

(Página deixada propositadamente em branco)



Mapa 6 — Carta do Tratado de Madrid de 1750, sem qualquer comunicação entre o Ordnoco <e o Amazonas. Cfr. José Carlos de Macedo Soares, *Fronteiras do Brasil no Regime Colonial*, pág. 133.

Rio de Janeiro, 1939.

(Página deixada propositadamente em branco)



Mapa 7 – Canali de Casiquiare que comunica o Orenoco com o Rio Negro, no actual território da Venezuela (cercanias de La Esmeralda e San Carlos). Gran *Atlas Aguilat*, Toan. II, pág. 346. (Madrid, 1970).

(Página deixada propositadamente em branco)

à carta de João Ferreira, de fins de Novembro de 1744, conhecida por La Condamine em França, 'em 1745, para isier tomada do domínio público-, em 1748, nias aludidas *Mémoires de Trévoux*, parece óbvio, até prova <em contrário, que a primeira notícia enviada para a Europa sobre a comunicação do Orenoco com o Amaizonas, e dado o descaminho (da carta de Roman, é devida a um português e conimbricense: o P. João Ferreira, da Companhia¹ de Jesus.

'Só é de admirar que a carta do Tratado de Madrid de 1750 (*mapa 6*) o não assinale, embora o texto da Convenção dê a entender que, entre os negociadores, já se conhecia a comunicação de ambos os ribs (²⁵).

Hoje, em dia, a cartografia venezuelana apresenta-a com toda a individuação (*mapa 7*), no canal de Casiquiare, a leste de La Esmeralda e a norte de S. Carlos!.

DOMINGOS MAURÍCIO GOMES DOS SANTOS

(²⁵) Jaime Cortesão, *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid (1750)*, Parte IIIV, tom. II, ipágs. 468-469 e 487. Ver carta de Marco António de Azevedo Couitinho, de 29 de Junho de 1749. *Ibid.*, págs. 358-361. Entretanto, Bento da Fonseca, a 14 de Junho de 1749, noticiava, desde o Collégio de Santo Antão de Lisboa, que por cartas de 1739, esoritas por Jesuítas espanhóis a 'Avogádiri, o Orenoco comunicava com o Amazonas pelo Rio Negro. (Mas não especifica mais. ICfr. Serafim Leite, op. cit., IX, págs. 395-396.